

POEMAS DE AGOSTINHO NETO

In: NETO, Agostinho. Sagrada Esperança. 9ªed. Lisboa, Sá da Costa, 1979.

ADEUS À HORA DA LARGADA

Minha Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis
Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos
dos bairros de pretos
além aonde *não* chega a luz elétrica
os homens bêbados a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens

nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura
Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as Mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.

QUITANDEIRA

A quitanda.
Muito sol
e a quitandeira à sombra
da mulemba.

- Laranja, minha senhora
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade
o seu quente jogo
de claros e escuros
e a vida brinca
em corações aflitos
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira
que vende fruta
vende-se.

- Minha senhora
laranja, laranjinha boa!

Compra laranjas doces
compra-me também o amargo
desta tortura
da vida sem vida.

Compra-me a infância de espírito

este botão de rosa
que *não* abriu
princípio impelido ainda para um início.

Laranja, minha senhora!

Esgotaram-se os sorrisos
com que chorava
eu já não choro.

E aí vão as minhas esperanças
como foi o sangue dos meus filhos
amassado no pó das estradas
enterrado nas roças
e o meu suor
embebido nos fios de algodão
que me cobrem.

Como o esforço foi oferecido
à segurança das máquinas
à beleza das ruas asfaltadas
de prédios de vários andares
à comodidade de senhores ricos
a alegria dispersa por cidades
e eu
me fui confundindo
com os próprios problemas da existência.

Aí vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestésiar
e me entreguei às religiões
para me insensibilizar
e me atordei para viver.
Tudo tenho dado.
Até mesmo a minha dor
e a poesia dos meus seios nus
entreguei-as aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.
- Compra laranjas
minha senhora!

Leva-me para as quitandas da Vida
o meu preço é único:
- sangue.

Talvez vendendo-me
eu me possua.

- Compra laranjas!

SÁBADO NOS MUSSEQUES

Os musseques são bairros humildes
de gente humilde

Vem o sábado
e logo ali se confunde com a própria vida
transformada em desespero
em esperança e em mística ansiedade

Ansiedade encontrada
no significado das coisas
e dos seres

na lua cheia
acesa em vez dos candeeiros
de iluminação pública
que pobreza e luar
casam bem

Ansiedade
sentida nos barulhos
e no cheiro a bebidas alcoólicas
espalhados no ar
com gritos de dor e alegria
misturados em estranha orquestração

Ansiedade
no homem fardado
alcançando outro homem
que domina e leva aos pontapés
e depois de ter feito escorrer sangue
enche o peito de satisfação

por ter maltratado um homem

Outros evitarão passar
onde o casse-tête derrubou o homem
darão voltas
saltarão muros
pisarão espinhos
pés descalços se cortarão
sobre cacos de garrafas
quebradas por crianças inocentes
e cada mulher
suspirará de alívio
quando o seu homem entrar em casa

Ansiedade
nos soldados que se divertem
emboscados à sombra de cajueiros
a espera de incautos transeuntes

A intervalos
ais de dor
lancinam ouvidos
ferem corações tímidos
e afastam-se passos
em correria angustiante
e depois dos risos da matula
desenfreada
só silêncio mistério lágrimas de ódio
e carnes laceradas
pelas fivelas dos cinturões

Ansiedade
nos que passam
à procura do prazer fácil

Ansiedade no homem
escondido em recanto escuro
violando uma criança

Sua riqueza calará o pai
e a criança

só tarde
clamará contra o destino

Ansiedade ouvida
na contenda de taberna

Compadres discutindo
escandalosamente
velha dívida de cem mil réis
entre os murmúrios
da numerosa assistência

Ansiedade
nas mulheres
que abandonaram os homens
para ouvir
a vizinha aos gritos
ralhando contra a pobreza do marido

Ouvem-se
choros histéricos
ruído de cadeiras caídas
respirações ofegantes
tilintar doloroso
de louça de ferro esmaltado
e a multidão invade a casa
os desavindos expulsam-na
e depois vem a reconciliação
com risinhos de prazer

Ansiedade
nos alto-falantes do cinema
de bocas escancaradas
a gritar *swings*
ao pé das bilheterias
enquanto um carrossel
arrasta em turbilhão de sonho
luzinhas vermelhas verdes azuis
e também
a troco de dois mil e quinhentos
namorados e crianças

Ansiedade nos batuques saudosos
dos kiocos contratados
formando lá do acampamento
o fundo de todo o ruído

Lunda sem fronteiras
a debruar o sussurro
da ânsia tumultuante

Ansiedade
na humilde criança
que foge amedrontada do polícia
de serviço

Ansiedade
no som da viola
acompanhando uma voz
que canta sambas indefinidos
deliciosamente preguiçosos
pejando o ar
do desejo de romper em pranto

Com a voz
passa o grito de saudade
que a multidão tem dos dias *não* vividos
dos dias de liberdade
e a noite
bebe-lhes os anseios de vida

Ansiedade
nos bêbados caídos nas ruas
alta noite

Ansiedade
nas mães aos gritos
à procura de filhos desaparecidos

nas mulheres que passam embriagadas

no homem
que consulta o kimbanda
para conservar o emprego

na mulher
que pede drogas ao feiticeiro
para conservar o marido

na mãe
que pergunta ao adivinho
se a filhinha se salvará
da pneumonia
na cubata
de velhas latas esburacadas

nas mulheres implorando
compaixão
a nossas senhoras

nas famílias rezando
enquanto oram
bêbados urinam na rua
encostados à parede
afastando-se depois
a ridicularizar as rezas
que perceberam
através das persianas das janelas

Ansiedade na kazukuta
dançada à luz do acetileno
ou de candeeiro Petromax
em sala pintada de azul
cheia de pó
e do cheiro a suor dos corpos
e de meneios de ancas
e de contatos de sexos

Ansiedade
nos que riem e nos que choram
nos que entendem
e nos que respiram sem compreender

Ansiedade
nas salas de dança
regurgitantes de gente

onde daí a instantes
o namorado repreende a noiva
insultos são atirados para o ar
enchendo o recinto de questões
que extravasam para a rua
acudindo polícias aos assobios

Ansiedade
no esqueleto de pau a pique
ameaçadoramente inclinado
a sustentar pesado teto de zinco

e nos quintais
semeados de dejetos e maus cheiros
nas mobílias sujas de gordura
nos lençóis esburacados
e nas camas sem colchão

Ansiedade
nos que descobrem multidões passivas
esperando a hora

Nos homens
ferve o desejo de fazer o esforço supremo
para que o Homem
renasça em cada homem
e a esperança
não mais se tome
em lamentos da multidão

A própria vida
faz desabrochar mais vontades
nos olhares ansiosos dos que passam

O sábado misturou a noite
nos musseques
com mística ansiedade
e implacavelmente
vai desfraldando heróicas bandeiras
nas almas escravizadas.

CONTRATADOS

Longa fila de carregadores
domina estrada
com os passos rápidos

Sobre o dorso
levam pesadas cargas

Vão
olhares longínquos
corações medrosos
braços fortes
sorrisos profundos como águas profundas

Largos meses os separam dos seus
e vão cheios de saudades
e de receio
mas cantam
Fatigados
esgotados de trabalhos
mas cantam

Cheios de injustiças
caladas no imo das suas almas
e cantam

Com gritos de protesto
mergulhados nas lágrimas do coração
e cantam

La vão
perdem-se na distância
na distância se perdem os seus cantos tristes

Ah!
eles cantam...

CONSCIENCIALIZAÇÃO

Medo no ar!

Em cada esquina

sentinelas vigilantes incendeiam olhares
em cada casa
se substituem apressadamente os fechos velhos

das portas
e em cada consciência
fervilha o temor de se ouvir a si mesma

A História está a ser contada
de novo

Medo no ar!

Acontece que eu
homem humilde
ainda mais humilde na pele negra
me regresso África
para mim
com os olhos secos.

NA PELE DO TAMBOR

As mãos violentas insidiosamente batem
no tambor africano
e a pele percutida solta-me tantãs gritantes
de sombras atléticas
à luz vermelha do fogo de após trabalho

Esmago-me na pele batida do tambor africano
vibro em sanguinolentas deturpações de mim
[mesmo
à vontade das percussões alcoólicas
sobre a pele esticada do meu cérebro

Onde estou eu? quem sou eu?

Vibro no couro pelado do tambor festivo
em europas sorridentes de farturas e turismos
sobre a fertilização do suor negro
nas áfricas envelhecidas pela vergonha de
[serem áfricas
nas áfricas renovadas do brilho firme do sol e

[transformação
sedosa e explosiva do universo
dentro do movimento de mim mesmo na
[vibração ritmada
da pele cerebral do tambor africano
ritmada para o esforço de dançar a dança
[suave das palmeiras

Vibro
em áfricas humanas de sons festivos e
[confusos
(que línguas pronunciais em mim irmãos
que não vos entendo neste ritmo?)

Nunca me pensei tão pervertido
ó impureza criminoso dos séculos coloniais
(que história é essa da lebre e da tartaruga
que contas neste novo ritmo de fogueira
à noite
minha avozinha de pele negra de África)

Mas não tão longe nem tão pervertido
quanto as vibrações
da pele do meu cérebro
esticada no tambor das minhas mãos
pela África humana

As mãos entrelaçadas sobre mim
em gozo de vida em gargalhadas em alegrias
de lagos libertados por amplos verdes
para os mares
dão-me o tom da minha África
dos povos negros do continente que nasce

fora dos abismos escurecidos da negação
ao lado de ritmos de dedos congestionados
sobre a pele envelhecida do tambor
dentro do qual vivo e vibro e clamo:
avante!
1953